



## CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE VITIVÍCOLA NA REGIÃO DE CANGUÇU - RS

**GONÇALVES, Michel Aldrighi<sup>1</sup>; AZEVEDO, Fernanda Quintanilha<sup>1</sup>; RUFATO, Andrea D. Rossi<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup>Mestrando(a) PPGA-Área de Concentração Fruticultura de Clima Temperado, Bolsista Capes. FAEM/UFPel. Campus Universitário – Caixa Postal 354 – CEP 96010-900.

[aldrighimichel@bol.com.br](mailto:aldrighimichel@bol.com.br);

<sup>2</sup> Eng<sup>a</sup> Agro<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Prof. Dept. de Fitotecnia FAEM/UFPel.

### 1. INTRODUÇÃO

A vitivinicultura foi introduzida no Rio Grande do Sul (RS) entre 1839 e 1842 por Thomas Maister, através da Ilha dos Marinheiros (Sousa, 1996), mas foi partir de 1875 que a vitivinicultura gaúcha deu um salto em desenvolvimento, graças á chegada da colonização italiana, que trouxe na bagagem além das cepas de uvas européias da região de Vêneto, o hábito do consumo diário de vinho como um alimento, e o ainda chamado espírito vitivinícola (PROTAS et al., 2002). Como a colonização italiana tem um grande significado para a região de Canguçu-RS, esta faz parte deste episódio da historia. Com o passar dos anos algumas regiões do estado como a Serra Gaúcha se destacaram e evoluíram muito na produção de uvas e seus derivados, mas pouco se sabe do desenvolvimento de outras regiões tradicionais no setor vitivinícola.

Sabendo da importância histórica da região em questão e a potencialidade de produção que a mesma apresenta, o presente trabalho aborda a caracterização da atividade vitivinícola nas propriedades de agricultores familiares do Primeiro distrito do município de Canguçu - RS.

### 2. MATERIAL E MÉTODOS

Para estabelecer a metodologia de trabalho foi realizado um levantamento bibliográfico além de coletas de informações com profissionais de centros de extensão e pesquisa que estão vinculados aos agricultores familiares da região do Primeiro distrito de Canguçu.

A partir das informações obtidas foi elaborado um questionário semi-estruturado junto aos agricultores, que englobou: área da propriedade; área ocupada com os vinhedos; cultivares exploradas; sistemas de condução utilizados; e destino da produção de uva. Possibilitando, o registro de dados para novos estudos com a cultura da uva na região.

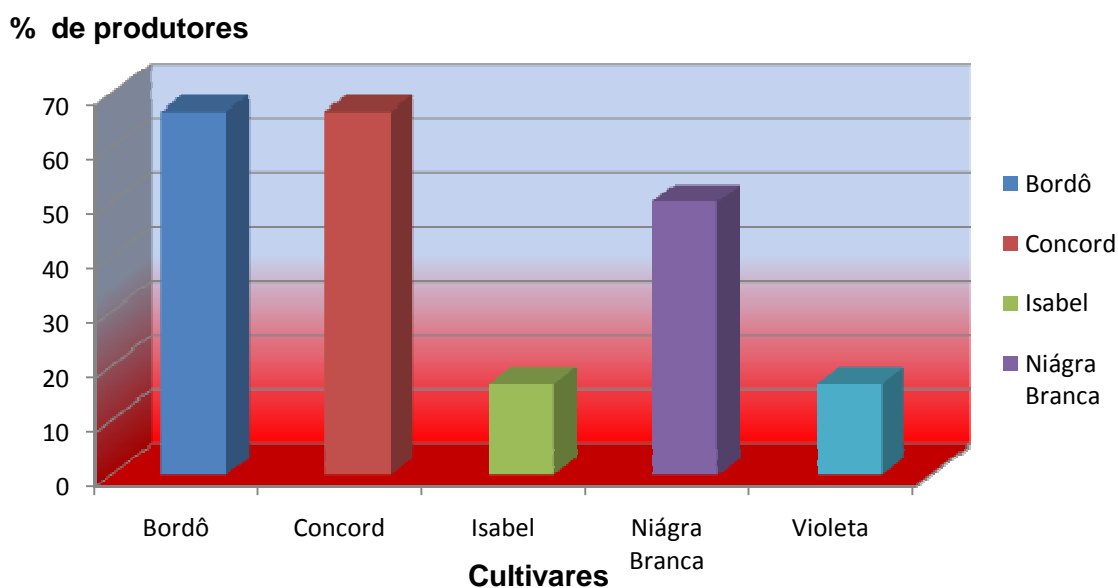
Foram entrevistados agricultores que tem a cultura da uva como uma das principais atividades de suas propriedades familiares e/ou que produzem a mesma

para comercializar e elaborar subprodutos (vinhos ou sucos). Os dados obtidos foram tabulados em forma de planilhas, possibilitando o cálculo através de médias.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se que os agricultores que exploram a atividade vitivinícola são pequenos proprietários com uma média de 22,8ha de terras. A área destinada ao cultivo de uva representou uma média de 1,1ha, não superando 2ha em nenhum dos produtores entrevistados. Também verificou-se que na região não há famílias com dedicação exclusiva para tal cultura, sendo esta mais uma opção para diversificar a renda familiar.

Para o parâmetro cultivares utilizadas nos vinhedos da região, verificou-se que a totalidade (100%) dos produtores utiliza uvas americanas (*Vitis labrusca* L.), sendo as cv. 'Bordô' e 'Concord' as mais cultivadas 66%. A cv. 'Niágara branca' corresponde a 50% dos plantios, já as cultivares 'Isabel' e 'BRS Violeta' apresentam menor expressão de cultivo, apenas 16% (Figura 1).



**Figura 1.** Percentual de utilização das cultivares americanas exploradas na região do primeiro distrito de Canguçu-RS, 2009.

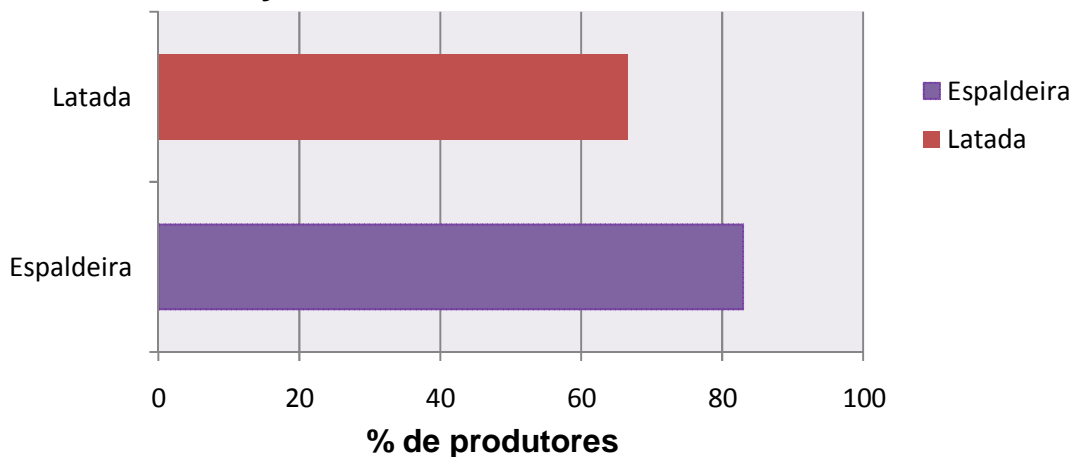
Há cinco anos, a partir da safra 2002/2003, Emater/RS Ascar, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (UFPel) e Embrapa realizam trabalhos com os produtores de uva e vinho da região de Pelotas (Editorial- Diário Popular, 2007) prestando um importante trabalho de desenvolvimento e divulgação de novas cultivares na região, visando um melhor desempenho produtivo e melhorias na qualidade do produto final, sempre com cuidado para não interferir a ponto de se perder os traços culturais. A participação de produtores familiares da região de Canguçu nas reuniões

e atividades elaboradas pelos centros de pesquisa e extensão em questão é constante devido à proximidade local e similar realidade na atividade vitivinícola.

Quanto ao sistema de condução utilizado, 55% dos vinhedos são conduzidos em sistema espaldeira, sendo a maioria para cv. Bordô, comprovando esta característica extremamente regional. O restante, 45%, dos vinhedos são conduzidos pelo sistema em latada (Figura 2).

Atualmente as empresas de pesquisa e ensino estão trabalhando fortemente para instruir os produtores a utilizar o sistema adaptado e de forma adequada a cada cultivar, mas, ainda é muito presente a influência e o conhecimento adquirido pelos antepassados destes produtores quando se trata de sistemas de condução (citar autor e ano).

### Sistema de condução



**Figura 2.** Percentual de utilização dos sistemas de condução nos vinhedos da região do primeiro distrito de Canguçu, 2009.

Em relação ao destino da uva, percebe-se que a totalidade (100%) dos entrevistados, destina a produção para a elaboração de vinhos artesanais, reservados ao consumo familiar e venda local.

## 4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir que a atividade vitivinícola para os produtores familiares do primeiro distrito de Canguçu - RS, não é a principal fonte de renda das famílias, mas é de grande importância, pois a mesma representa um incremento para a renda familiar, assim como, apresenta um significado cultural muito forte.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Editorial – Diário Popular Via internet, agosto de 2007. Disponível em: [http://www.diariopopular.com.br/19\\_08\\_07/editorial.html](http://www.diariopopular.com.br/19_08_07/editorial.html). Acesso em: 13 de agosto de 2009.

PROTAS, J.F.S.; CAMARGO, U.A.; MELLO, L.M.R. **A viticultura brasileira: realidade e perspectivas.** In: SIMPÓSIO MINEIRO DE VITIVULTURA E ENOLOGIA, 1., Andradas, 2002. **Viticultura e enologia:** atualizando conceitos; Anais. Caldas. EPAMIG, FECD, 2002. p.17-32.

SOUSA, J.S.I. de. **Uvas para o Brasil.** Piracicaba: Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, 1996. 791p.